



CULTURA POPULAR, IDENTIDADES, EDUCAÇÃO E SABERES NO QUILOMBO DO CAMORIM

Erica Aragão Monteiro ¹

²

Shaula Maira Vicentini de Sampaio ³

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar os resultados iniciais que foram pesquisados na tese de doutorado, em andamento, sobre o processo de trans(formação) dos participantes das atividades culturais e educativas no Quilombo do Camorim – RJ. O artigo mostra as principais atividades desenvolvidas no território do Quilombo como parte de um processo educativo e de transformação das identidades e da cultura Afro-Brasileira, problematizando algumas questões que foram narradas ou observadas em campo e que envolvem tal processo de trans(formação) tanto identitária como educativa, tais como racismo, educação popular, interação Escola-comunidade.

O referencial teórico busca a interpretação desses processos por meio dos estudos culturais, estudos étnicos-raciais, estudo das narrativas e da reflexão sobre cultura popular e educação não-formal. As investigações sobre a Educação e cultura popular no Quilombo do Camorim foram realizadas, prioritariamente, pautando-se na oralidade e em entrevistas realizadas, mas também por meio da observação-participante em atividades culturais.

O nosso foco será apresentar a transformação por meio da participação dos indivíduos em atividades que envolve cultura popular na Associação Cultural Quilombo do Camorim. Nesse momento, os resultados apresentados demonstram que a participação intensa nas atividades do Quilombo contribuem para que os indivíduos reconheçam a cultura popular Afro-Brasileira como parte da sua história, da história do bairro ou do país, ampliando as visões estereotipadas ou limitadas que tinham antes de estar nesse espaço de trocas e aprendizagens alternativas.

Palavras-chave: Educação não-formal, cultura popular Afro-brasileira, Quilombo, saberes, transformação.

¹ Doutorando do Curso de Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, erica.aragao.ufrj@gmail.com; Pesquisa de doutorado em andamento, financiada pelo CNPQ.

² Graduado pelo Curso de **XXXXXX** da Universidade Federal - UF, coautor1@email.com;

³ Professora orientadora: Graduada em ciências biológicas, Mestre em educação (UFRGS), Doutora em educação (UFRGS), Professora adjunta da Faculdade de Educação no Programa de pós Graduação em educação - UFF, orientador@email.com.



INTRODUÇÃO

Esse artigo pretende iluminar perspectivas de uma pesquisa sobre um tema complexo, e que permeia as nossas vivências direta ou indiretamente. A abordagem se refere aos espaços educativos não-escolares como lugares de aprendizagens que revelam histórias e marcas da cultura e identidade popular Afro-Brasileira, neste caso, o espaço do Quilombo do Camorim, por meio do trabalho realizado pela Associação Cultural Quilombo do Camorim (ACUQCA) com o Jongo e outras práticas educativas-culturais e saberes populares.

A abordagem teórica do presente trabalho caminha pela linha dos estudos culturais, coadunando sempre com uma visão crítica da sociedade, da cultura e dos processos educativos. Para apontarmos caminhos que relacionam Cultura popular Afro-brasileira e educação-não escolar apresentaremos uma base teórica pautando-se nos conceitos de cultura popular (ABREU, 2003 e HALL, 2003), prática educativa (FREIRE, 1996), relações étnicos raciais e racismo, (ALMEIDA, 2019; FANON, 2008), Diversidade e população Afrodescendente (MUNANGA, 2009), além disso, trabalharemos ainda com o conceito de identidades debatido nos Estudo Culturais (HALL, 2000). Contudo, as teorias e conceitos estarão em diálogo frequente com as práticas culturais, e o movimento constante de uma pesquisa de inspiração etnográfica que buscou como âncora discursiva as entrevistas e observações de campo. Todavia, em virtude da extensão desse trabalho não apresentaremos as transcrições nem análises das entrevistas realizadas, pois em doze páginas o que mais importa são as principais situações que demonstram as transformações dos indivíduos mais atuantes do Quilombo, nos trabalhos educativos e culturais do Espaço em que vivem.

Os diários de campo são recursos discursivos complementares aos outros instrumentos utilizados na coleta de dados. Frequentemente eles auxiliam na complementação de um contexto ou de uma informação que não foi dita claramente em um dado momento, mas que pode ter surgido em outro. Além disso, possibilita ao pesquisador observações mais intimistas e de dados extralinguísticos que provém de fatos ou situações cotidianas. Conforme assinala Spink *et alli*:

O diário consegue fundir as palavras e as coisas, à medida que as acolhe em suas páginas. E cada vez que tais páginas são abertas, abrem-se fluxos de possibilidades de comentários; abrem-se para o inédito.⁶ O diário permite a impressão de notas (como



na música) já ouvidas ou conhecidas, mas que serão montadas de outra forma produzindo certa “composição” (como as conclusões de uma pesquisa). (2014, p. 278)

Pretendemos por meio da metodologia das entrevistas narrativas possibilitar ao entrevistado e ao entrevistador uma mudança de rota, pois ao recordar, esquecer, relembrar pode-se provocar no entrevistado um desejo de reinventar a sua história, assim é como se toda realidade tornar-se-ia utopia e a utopia realidade. Clandinin e Connely (2000, p.20) definem pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência”. Dessa forma, a pesquisa com base em entrevistas narrativas são coerentes com o objetivo principal deste trabalho, que é compreender os saberes e experiências vivenciados no quilombo do Camorim como parte de um processo educativo trans(formador).

Fato que justifica esse estudo é que as tradições populares e os ensinamentos passados, há séculos, são componentes da nossa história, memória e estão sempre vivos em nossos costumes, práticas e educação, não sendo possível descartá-los, todavia, sendo preciso trazê-los para o corpo, mente e voz do presente, valorizando-os, diante de contextos no qual a intolerância, o racismo e a discriminação ainda são vigentes. Assim ampliamos o nosso sentido de pertencimento à nação e valorizamos a cultura nacional dos povos originários e dos Afro-brasileiros, tantas vezes, ainda diminuída, vista como menor diante dos apelos da Cultura Americana e Europeia, que tentam se impor. Hall (2006, p. 51) afirma que:

As culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre a "nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias sobre a nação, memórias que conectam o seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas

Cabe aqui pensar que muitos negros e descendentes ainda são os excluídos da sociedade, pois as disparidades sociais e educacionais, provindas de quatro séculos de escravidão, não são rapidamente desfeitas, sendo um longo processo de busca por igualdade de oportunidades, respeito e transformação de uma realidade desigual. A colonização deixou marcas no nosso corpo e identidade, priorizando a mestiçagem e excluindo as práticas culturais, educativas e religiosas dos povos escravizados, sejam eles indígenas ou Afro-descendentes.

Mas, tendo em vista a forte influência das práticas culturais no processo formativo dos cidadãos, conhecer e vivenciar uma cultura significa também educar-se, seja por meio do ensino formal ou não formal. O conceito de cultura é diverso e suas manifestações



cotidianas abarcam um conjunto de práticas, saberes, expressões e hábitos sempre ligados à história de um povo e um lugar, logo, a falta de compreensão, conhecimento e vivência cultural parece impactar diretamente nas relações cotidianas, nas relações de trabalho e, principalmente, na construção e reconstrução das identidades, ou seja, no nosso processo (trans)formador.

Dessa forma, a pesquisa buscou revelar alguns desses processos, tais como as transformações identitárias e a formação dos indivíduos atuantes nos trabalhos culturais e educativos do Quilombo do Camorim. Buscou-se também dar luz aos desejos e lutas em relação a memória da cultura Afro-Brasileira, como um direito nosso garantido pelo Estado e um anseio de cada indivíduo que tem na cor da sua pele ou em seus traços biopsicossociais a história e a memória da formação do povo brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Estado deveria prover nas Escolas e em outros grupos educativos as mais diversas formas de manifestações culturais e saberes em suas várias origens, principalmente, as origens do seu próprio povo. A Constituição Federal aponta:

Art. 215.: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (Brasil, 1988)

§ 1º “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afrobrasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”. (Brasil, 1988)

Todavia, o Estado nem sempre garante o nosso direito, e frequentemente a própria população organiza-se por meio da formação de grupos comunitários-culturais que fazem um trabalho educativo sem apoio do Estado. Além disto, há ainda o fato de que as nossas origens culturais afro-brasileiras não foram valorizadas ao longo da história, sofrendo , todavia, um processo de marginalização, tendo sido estereotipadas como erradas, feias e diabólicas. A população negra foi excluídos do processo educativo-cultural ao longo da história, mas em contrapartida, por meio das manifestações culturais e expressões de resistência criaram um legado educativo muito singular e potente que está nas raízes da



nossa cultura e na nossa memória. Através dos cantos, das danças, capoeira e outras práticas, eles driblavam a dor e ensinavam, uns aos outros e à sociedade formas de lutar pela liberdade. Manifestações artísticas como Jongo, maculelê, maracatu do baque virado, samba de roda, ciranda, bumba-meu-boi etc, exemplificam apenas algumas expressões do legado que ficou na nossa cultura. Estas manifestações culturais fazem parte da nossa identidade e da nossa formação, direta ou indiretamente, mas no geral, são desconhecidas por grupos que não as conhecem teoricamente ou não participam efetivamente delas, além disso, esses saberes foram ignoradas ao longo da história da educação, pois não constavam prioritariamente no currículo, nem como estudos teóricos, nem como práticas culturais, exceto na semana de comemoração ao folclore, momento no qual as Escolas dão visibilidades a elas. Olhar as culturas Afro-brasileiras como manifestações folclóricas revela o propósito Europeu colonizador de colocá-las em um gueto e confiná-las na memória de forma discriminatória. Mostra ainda como o Estado é uma Instituição racista, onde o racismo Institucionalizou-se durante séculos. Segundo Almeida (2019, p. 50):

Em resumo o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas, e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo Institucional

Entretanto, nas cidades, nos Quilombos, nas ruas e em diversos espaços alternativos, as lutas e expressões Afro-brasileiras resistiram a muitas tentativas de apagamentos, e ainda persistem ao fazer parte do nosso território, mantendo as tradições e memória da cultura popular vivas. É importante que pensemos o conceito de “cultura popular” de forma a não limitá-lo em traços significativos rígidos ou primitivos, como ainda parece pairar no imaginário de meios acadêmicos ou não acadêmicos. Daí provém a grande necessidade de pensar o tema que ainda tem muito a nos revelar sobre nós mesmos, nossas identidades e as formas de educar e manifestar nossos hábitos, linguagem etc. Abreu (2003), indica sobre Cultura Popular que este é um conceito controverso e afirma que:

O fundamental, no meu modo de ver é considerar cultura popular como um instrumento que serve para nos auxiliar, não no sentido de resolver, mas no de colocar problemas, evidenciar diferenças, e ajudar a pensar a realidade social e cultural, sempre multifacetada, seja ela a da sala de aula, a do nosso cotidiano ou a das fontes históricas (2003, p. 2)



O Rio de Janeiro, metrópole fortemente ocupada por negros, há diversas expressões que formam e educam o povo. O samba é um exemplo, o mais conhecido e divulgado, em função do carnaval, mas as manifestações menores em tamanho, porém grandiosas como grupos de práticas culturais afro-brasileiras, sobretudo nos espaços da rua ou Quilombos, resistem ao tempo e às tentativas de apagamento. Outros lugares, como Quilombos urbanos no Rio de Janeiro, resistiram e propagam suas atividades, tentando manter viva a cultura popular. O Quilombo do Camorim estabelece a resistência e mantém suas práticas culturais, ele está localizado na Zona Oeste da cidade, em Jacarepaguá no bairro denominado Camorim, próximo ao Parque Estadual da Pedra Branca, área urbana, mas ainda cercada pelo verde. O Bairro tem uma população de 1970 habitantes (segundo senso IBGE 2011), e nos últimos dez anos, estima-se que triplicou a sua ocupação devido a especulação imobiliária. Possui uma associação de moradores, dois supermercados, uma igreja católica, duas protestantes e um centros de candomblé. O Centro de Convenções Rio-Centro também fica situado no bairro que abriga ainda parte do terreno da cidade do Rock. Nesse local, há ainda vestígios e outras referências preservadas como patrimônio que marcou a história do Quilombo: a Igreja de São Gonçalo do Amarante (construída em 1625, pelos escravizados), as pedras no final da parte asfaltada da Estrada do Camorim (colocadas pelos escravizados, mas refeitas pelo IPHAN em 2014). Esse espaço da rua delimita o início do Quilombo, onde havia um casarão descaracterizado que era a Casa Grande e, um terreno tombado pelo IPHAN que foi registrado como sítio arqueológico Engenho do Camorim (em 20 de fevereiro de 2016), após estudos arqueológicos comprovarem que a área foi um Engenho. O trabalho feito pela ACUQCA na busca do resgate das tradições e da memória do povo Afro-brasileiro, está ainda historicamente em seus primeiros passos, porém com grande vigor. Essas atividades colaboram para a disseminação de saberes e o respeito a Lei nº 10.639/2003 que aponta para um olhar reconhecedor da nossa formação cidadã, cultural e identitária como povo Afro-brasileiro.

Muitas perguntas surgiram ao longo do período da pesquisa de inspiração etnográfica, pois diante do objetivo principal, estar em campo foi essencial para revelar e compreender a diversidade das manifestações de cultura popular específicas deste grupo e os seus processos educativos.



Além do Jongo, da capoeira e das festas em homenagem aos negros e sua memória, a ACUCQA ainda realiza um resgate do hábito do plantio e alimentação natural, preparo de feijoada na lenha em dias festivos, caminhadas ecológicas e culturais nas trilhas da mata do Parque Estadual da Pedra Branca etc. Seu fundador - Adilson Batista Almeida é remanescente de quilombola, neto de escravizados e narrou em uma conversa inicial, em janeiro de 2019, que após a necessidade de busca de suas raízes, em um momento de epifania no Quilombo, em 1998 sentado em uma pedra na mata, diante de sua angústia sobre o seu papel no mundo, se fez três perguntas: “de onde vim?”, “quem sou?”, “Para onde quero ir?”. A partir daí resolveu agir e reunir crianças para ensinar capoeira e incentivá-las a conhecer suas origens Afro-brasileiras. A única condição seria realizar as aulas buscando conhecer a capoeira e os valores de respeito ao próximo, mas para isso seria necessário também que os estudantes se mantivessem na Escola. Ele relatou: “Divulguei a ideia pela comunidade e já na primeira aula surgiram quase 30 crianças”. Transcorrido o tempo, Adilson prosseguiu buscando suas raízes e fortalecendo as atividades culturais do Quilombo, criando a Associação Cultural Quilombo do Camorim, em 2003, cuja missão é reviver, preservar e promover a cultura quilombola. Assim as culturas afro-descendentes se empoderaram neste espaço, onde o processo educativo ocorre por meio das trocas artísticas-culturais espontâneas, ou organizadas, por grupos que não pertencem às Instituições reconhecidas formalmente, mas também dialogando com a educação formal nos encontros em que a comunidade recebe as Instituições educativas. Dessa maneira, o espaço do Quilombo estabelece trocas de conhecimentos com Escolas, Universidades e com a comunidade, em busca do respeito à diversidade e aos saberes populares. Esses processos contribuem também para a noção de pertencimento e reconhecimento das identidades dos indivíduos. As identidades, conforme assinala Hall (2014, p. 109)

parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos

Após o relato de Adilson Almeida e a experiência de andar pelas trilhas na mata do Quilombo com o líder, observei por meio das falas e histórias dele que há uma consciência da importância do trabalho que é realizado, em que o líder quilombola



percebe que esses saberes, cultura e história também educam e tem importância até mesmo para contribuir com a formação escolar. Adilson falou sobre pautas que são importantes na nossa sociedade, como o valor das mulheres, empoderamento, resistência, luta e superação. Além disso, o remanescente de Quilombola não prioriza em sua fala as dificuldades da luta, a dor, o preconceito e a subalternização, ele prefere apontar os caminhos positivos de luta, de vitórias, as festas e a cultura Afro-brasileira como algo que traz felicidade para eles. Assim, parece que os indivíduos vão compondo parte de um grupo que repensa a si mesmo e a história de seus ancestrais, ampliando o paradigma de individualidade e cidadania, e buscando outras formas de ser, aprender e ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses resultados preliminares são parte de experiências relacionadas à imersão em ambientes e contextos diferentes do que costumo vivenciar em minha rotina e trazem para esta pesquisa uma perspectiva humana que me tira do lugar comum, mas que ainda é muito pequena diante da complexidade das práticas culturais, políticas e cotidianas do povo do Quilombo do Camorim, principalmente daqueles que participam ativamente da construção da memória e história local, e do resgate das festas e das tradições culturais populares Afro-brasileira. Somente o tempo, a convivência profunda e cotidiana podem apresentar uma aproximação mais significativa com o que de fato ocorre naquele lugar ainda bucólico, dentro da cidade do Rio de Janeiro. Um lugar de fala e silêncio, de cidade grande e interior, de festa/vida e de funeral/ morte. Um lugar que precisa manter a sua memória viva e, para isso precisa de apoio de Instituições, pesquisadores e pessoas que possam compreendê-lo como um espaço de memória, de história e de cultura, enfim, compreender o Quilombo contemporâneo e urbano como um espaço educativo, de trocas e experiências de vida e de saberes que, muitas vezes, passam invisíveis aos olhos da sociedade, do poder público e até mesmo dos seus próprios habitantes.

Desta forma, o papel de um pesquisador que faz ou tenta fazer uma pesquisa de campo em um Quilombo urbano é também pensar a sua intervenção no espaço onde troca experiências, saberes, e na sua contribuição para que aqueles que compõem o cenário do



seu objeto de estudo, neste caso, um objeto humano/humanizado, tenham mais possibilidades de compreender suas raízes e frutos, e assim ampliar a sua cidadania, resgatar a história e memória e marcar o seu território físico e simbólico, como parte de um processo que compõe a nossa identidade nacional.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. **Reencontrando a antiga cidade de São Sebastião. Mapas conjecturais do Rio de Janeiro do século XVI.** Cidades (Presidente Prudente), vol. 2, n.º 4, p. 189-220, 2005.

ABREU, M.; MATTOS, H. **Quilombos contemporains In: afrodescendances, cultures et citoyeneté.** 1 ed. Quebec : Presse del'Université Laval, 2012, v.1, p. 7-22

ABREU, Martha e Soihet, RACHEL. **Cultura Popular, um conceito e várias histórias. In: Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias.** Rio de Janeiro: Casa da palavra: 2003

ABREU, M.; MATTOS, H. **“Remanescentes das Comunidades dos Quilombos”: memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação.** Anais XXVI Simpósio ANPUH, São Paulo, 2011.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen editora, coleção feminismo Plurais, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum in Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária.** IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012, p. 10-32

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal e não-formal in Institut international des droits de l'enfant (IDE) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?** Sion (Suisse), 18 au 22 octobre, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

HALL, Stuart. Organização Liv Sovik. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Parte 3 – Cultura popular e identidades. Belo Horizonte: editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003



HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Mirand e William Oliveira – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade*. In Tomaz Tadeu Silva (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MATTOS, Hebe. **Raça e cidadania no Crepúsculo da modernidade escravista**. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial*. Vol III – 1870 – 1889. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

MUNANGA, Kabenguele. **Origens africanas do Brasil Contemporâneo – Histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009